

ECOLOGIA

VIRIATO SOROMENHO
MARQUES

Portugal e o mar

A memória de um homem ou de um povo só lhes pertencem enquanto estes são capazes de a preservar contra a usura do esquecimento e a vontade alheia de a denegrir, ou de a diminuir, por interesse próprio. No ano de 1942, em plena II Guerra Mundial, um notável jurista alemão, Carl Schmitt, que, infelizmente, mancharia toda a sua longa vida pelo apoio espúrio ao regime hitleriano, ofereceu à sua filha Anima um profundo ensaio: *Terra e Mar. Breve Reflexão sobre a História Universal* (tradução portuguesa de A. Franco de Sá, Esfera do Caos, 2008). Schmitt segue Ernst Kapp, recordando como a água é o elemento-chave na representação de três grandes épocas da História: um périplo que vai das culturas fluviais, passando pelas culturas talassocráticas, limitadas a mares fechados como o Mediterrâneo, em direcção às culturas oceânicas. Só nestas, o elemento hídrico ganha independência e se pode contrapor verdadeiramente ao elemento terrestre.

Foram os Europeus quem compreendeu, aprendeu e soube utilizar a especificidade do Mar. Mas quem de entre os Europeus? Nesta questão decisiva, Carl Schmitt tem dificuldade em separar a dura e linear cronologia histórica, que coloca os portugueses bem adiante de quaisquer outros europeus, da sua inclinação e verdadeiro entusiasmo pelos holandeses. Claro

que Schmitt não pode ignorar o fenómeno português, mas fá-lo com uma economia de meios e uma restrição factual que dificilmente se justificam.

Vejamos, apenas, dois exemplos da clara dificuldade sentida por Schmitt. Por um lado, afirma que as primeiras batalhas navais modernas eram ainda “batalhas terrestres sobre navios” (*Landschlacht auf Schiffen*). Como exemplo histórico, cita a batalha de Lepanto (1571), onde a manobra da abordagem tinha ainda um papel decisivo. Ora, com um pouco mais de cuidado ou pesquisa, Schmitt poderia ter incluído as inovações militares dos portugueses, introduzidas nas batalhas navais do Oceano Índico, 70 anos antes de Lepanto, onde pela primeira se entende a especificidade do confronto naval e a sua íntima ligação com o uso da artilharia.

O primeiro grande tratado sobre combate naval seria, aliás, publicado em 1555, pelo padre Fernando Oliveira, *A Arte da Guerra no Mar*. Por outro lado, e por oposição à romântica visão dos holandeses como indómitos caçadores de baleias e magníficos construtores navais, os portugueses são descritos essencialmente como navegadores de cabotagem. Ora, se assim fosse como explicar o achamento e colonização do Brasil, 70 anos antes dos Ingleses se aventurarem para Sul do Equador?

Numa altura em que o Mar volta a estar na ordem do dia, como rosto de uma esperança geoestratégica, mas também como ameaça ambiental (com a acidificação dos Oceanos e a subida do nível do mar em virtude das alterações climáticas), convém sabermos quem fomos, caso ainda não tenhamos desistido de deixar uma marca positiva no futuro por escrever. ■